



TRIBUNA Livre

27
SETEMBRO
1958

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR - TEL. 62113 - AMARES

UM ANO

Na Presidência da Câmara

Amanhã, dia 28, faz um ano que foi empossado nas altas funções de Presidente da Câmara do nosso Concelho o sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena.

Nenhuma data mais aconselhável para um exame retrospectivo, à acção do sr. Presidente da Câmara, do que esta; nenhuma oportunidade mais flagrante para tecer considerações a uma administração que já se mostrou nas suas linhas mestras.

Não podíamos nós, a quem cumpre estar atentos aos factos que mais interessam ao Concelho, deixar no olvido uma

passagem que é espelho de um ano de labuta. Não o podíamos, mais especialmente, por deverem ser de geral elogio as referências a fazer e, não as fazer, representar ingratidão ou tibieza, o que não queremos cá por casa.

Há um ano, o nosso concelho vivia um período de completa estagnação em que nada faziam os organismos públicos



D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena

NOVO PÁROCO DE DORNELAS E PAREDES-SECAS

Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz nomeou pároco das freguesias de Dornelas e Paredes Secas o Rev. Avelino dos Santos Antunes, professor do Seminário de Braga e natural da vizinha freguesia de Barreiros.

Beim conhecido entre nós, é, o ora nomeado, credor da geral consideração e respeito pelas suas altas qualidades de sacerdote, exuberantemente demonstradas.

Amanhã, domingo, cerca das 17 horas, o Senhor P.^e

(Continua na 3.ª página)

Esclarecimento

Cada frase tem o significado restrito que a sua leitura lhe confere, mas pode ter um sentido mais amplo que lhe pode ser emprestado pelas diferentes frases que em regra compõem um escrito.

Isolar a frase do pensamento geral é trair aquele, até porque quem escreve não se preocupa, por vezes, em qualizá-las separadamente, tirando-lhe ou modificando-lhe um nome ou palavra, o que só por si evitaria um pretexto.

A intenção é a causa imediata a julgar. Sem ela não se fundamenta o crime; a injúria, a difamação ou a calúnia não terão pena se ela lhe não servir de base.

(Continua na 4.ª página)

COM A PRESENÇA DO SR. MINISTRO DAS CORPORações

FOI INAUGURADA, COM A MAIOR SOLENIDADE E BRILHANTISMO A CASA DO POVO DE AMARES

Anteontem, ao findar da tarde, foi inaugurada a nova sede da Casa do Povo de Amares, presidindo ao acto solene o Sr. Dr. Veiga de Macedo, ilustre titular da pasta das Corporações e Previdência Social, com a presença das autoridades locais e gente grada do concelho.

A organização corporativa, agora caminhando a passos largos para a concretização dos seus fins, está a festejar com a maior grandeza o 25.º aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional, para o que se deslocou à sede do nosso Distrito um dos mais esforçados servidores da organização, que é o Sr. Dr. Veiga de Macedo, activo e diligente Ministro das Corporações.

Dentro do programa das Comemorações que todos conhecem pelas descrições da imprensa diária, encontrava-se o da inauguração de três Casas do Povo - Nine, Gerês e Amares.

Assim, aquele Ministro, acompanhado pela sua comitiva, foi recebido ao entrar do nosso concelho, no lugar de Dornas, da freguesia de Santa Maria de Bouro, pelas

autoridades mais representativas e muito povo, que para ali se deslocaram em grande número de carros.

O Sr. Presidente do Município, Sr. D. Nuno Luis de Carvalho Daun e Lorena, acompanhado do seu vice-presidente e demais membros da Câmara, cumprimentou no limite do Concelho o Sr. Ministro das Corpo-

rações e sua comitiva, estando acompanhado pelo Sr. Dr. Eduardo Gonçalves, Presidente da União Nacional Concelhia, Dr. Manuel Arantes Rodrigues Conservador do Registo Civil e Provedor Santa Casa, Padre Lago e Costa Arcipreste do Concelho, Dr. António José da

(Continua na 4.ª página)

Um ano a paroquiar Ferreiros

Parece ter sido há um mês; faz, contudo, segunda feira, um ano, que a nossa freguesia vestiu as suas melhores galas e se deixou dominar por extasiante alegria para receber o senhor Padre Albino José Fernandes Alves que a vinha paroquiar.

Conhecia-o pouco, quase nada, mas diziam-lhe o suficiente para poder pensar que ficava bem entregue.

Um ano é tempo suficiente para se aquilatar do valor de quem quer seja, mormente se o visado tiver que exercer função que exija acção contínua, contacto com tudo e todos, isto é, se tiver que descobrir-se nas suas possibilidades.

Assim é um pároco. Assim é, mais notadamente, no caso vertente, em que o referido alargou as suas funções às diferentes actividades afins do seu munus.

Não nos compete nem queremos analisar a sua acção adentro das funções estritamente de pároco, aliás bem conhecida de todos até pelo aprumo, pela dignidade e pela elevação que as caracteriza.

Achamos dever dirigir-lhe algumas palavras pela sua acção na assistência, que há um ano, para não fugir à regra das coisas concelhias, se encontrava também circunscrita à Sopa dos Pobres, essa obra magnífica de Um, a quem o Outro deu substancial dádiva que permite, com



P.e Albino José Fernandes Alves

a ajuda do Estado, a sua quase sustentação.

Sacerdote dado aos problemas dos infelizes, logo procurou ajudar a vencer os seus infortúnios. Foi então que pela sua mão chegou até nós a acção da «Caritas» que aqui instalou com primores de organização, estendendo as delegações por quase todas as freguesias do Concelho.

E assim aconteceu que em pouco tempo o Concelho de Amares passou a receber cerca de 1.000 refeições diárias, o que equivale a um benefício que representa um valor monetário de grande importância.

Calculemos o valor de ca-

(Continua na 4.ª página)

Nova e importante dádiva

Decididamente pode concluir-se, sem o menor receio de desmentido, que a construção da Misericórdia encontrou pelo lado de todos a compreensão que os seus altos desígnios bem merece.

A atestá-lo, irrefutável, por ser feita com dados concretos, as dádivas que vão chegando à Comissão e que, como a de hoje, são vultosas e dispensam comentários.

Cavalheiro muito ilustre, que ilustra a nossa terra por dela ser natural, pôs na semana finda o seu coração ao serviço do torrão que lhe serviu de berço e ofertou, num gesto de generosidade, a significativa quantia de 6.000\$00.

Liga assim o seu nome e o seu espírito de bem fazer a uma obra, da qual, se virá a orgulhar quando a vir completada como se pode orgulhar da sua obra no Ultramar, onde se mostrou um Presidente de Câmara activo e frutuoso.

Magnífica dádiva, que espelha um sentimento de filantropia que nunca é demais exaltar.

CUMPRIMENTOS

Amanhã, domingo, às 16,30 horas, nos Paços do Concelho, são apresentados cumprimentos ao Sr. Presidente da Câmara, pela passagem do 1.º aniversário da sua posse.

TRIBUNA DA MULHER E DO LAR

MESTRES DA MODA FUTURA

A maior escola de modas da Europa Ocidental
Um curso de quatro anos

Por SIGRID VON VOSS

Hamburgo— A Alemanha não está em primeiro lugar no domínio da moda, talvez por Paris estar muito perto. No entanto conta com um número de costureiros excelentes cujas criações influem fortemente na confecção. Desde sempre o trabalho artesanal corresponde às mais altas exigências.

Fascinante como sempre foi, a moda exerce grande atracção sobre os jovens. Uma reserva quase inesgotável de novos elementos esforça-se por «fazer moda» e isto sobretudo para a grande massa de consumidores. Em cooperação com a indústria, os desenhadores de tecidos, os estampadores e os tecelões desenvolvem tecidos e padrões cada vez mais belos e mais perfeitos. A fotografia já passou há muito a ser uma auxiliar indispensável da indústria de vestuário, influenciando sobre o gosto das grandes massas. A procura de pessoal de direcção e de criação do qual depende o nível das fábricas de vestuário de confecção, é cada vez maior.

Oficinas de costura e de alfaiataria, escolas e academias de moda e, finalmente, institutos superiores em quase todas as grandes cidades atraem um número cada vez maior de jovens interessados. Os três institutos deste género mais importantes da Alemanha Ocidental são o «Instituto Superior da Moda» (Meisterschule für Mode) em Hamburgo, o «Instituto de Criação de Moda» em Francfort e o «Instituto Superior da Moda» em Munique.

Enquanto em Francfort se mantém estreita colaboração com o sindicato de alfaiataria e costura e com a indústria e em Munique se atribui muito especial importância à criação de modelos e à técnica, o «Instituto Superior da Moda» em Hamburgo, com mais de 800 alunos, o maior instituto deste género na Europa Ocidental, trabalha num quadro mais amplo. Como escola de estética da indústria de tecidos e de vestuário colabora estreitamente com todos os sectores destas indústrias, pondo os estudantes em contacto directo com a prática. Nas diversas classes executam-se encomendas da indústria, criando, por exemplo, novos padrões.

A directora, Maria May, é «conselheira» da indústria e está, como tal, ao par de todos os problemas e das realidades da indústria de tecidos. Sabe, por isso, muito bem, que sem conhecimentos práticos, ninguém se pode afirmar, mesmo se as suas qualidades artísticas forem excepcionais. Por isso os seus discípulos tra-

balham no último ano alternadamente no Instituto e numa empresa industrial.

O curso do Instituto é de oito períodos lectivos, ou sejam quatro anos. Nos primeiros períodos a formação é acentuadamente artística, sem se encarar uma finalidade prática diferenciada. Só depois de lançadas as bases, se procura determinar a vocação do aluno ou da aluna, começando então a especialização que leva à formação de mestres de costura, de alfaiataria, de professoras de costura, de costureiras ou costureiros de trajes históricos, tão procurados pelos teatros, de chefes de ateliers de criação e de mestres para a indústria de confecção de vestuário. Há, além disso, cursos de desenho de padrões, de estampagem, de tecelagem, de fotografia e gravura, de decoração de montras.

As exigências cada vez maiores dos consumidores, o nível de vida dia a dia mais elevado, resultam numa competição dos mercadados que exigem dos jovens muita dedicação, capacidade de adaptação e conhecimentos acima do nível médio.

O Instituto Superior da Moda de Hamburgo já tem fama mundial, atraindo estudantes de todo o mundo, especialmente da América do Sul. No ano passado receberam-se 1.200 pedidos de admissão dos quais só 240 foram admitidos ao exame de admissão que nem todos passaram. A escolha dos candidatos é plenamente justificada pelo elevado nível de formação que o Instituto oferece.

DEVASSIDÃO

II

Ao que chegou, meu Deus, a humana criatura
Que geraste no mundo à tua semelhança!
Prefere o lodo imundo, a lama vil e escura,
À Pátria celestial da Bem-Aventurança!...

Vagueia neste caos, onde apenas perdura
O ódio e a traição, o crime e a vingança!
Anda a cavar na terra a negra sepultura
'A santa, virginal, e embaladora esperança!...

E é esta, meu Jesus, a sociedade eleita,
Civilizada e crente, e modelar .. perfeita,
Que bebe o Sangue Teu humano e redentor?!

Merecemos, por ventura, o nome de cristãos?
Quem de entre nós, ó Deus, pode lavar as mãos,
Por ter seguido a lei do fraternal Amor?!...

Balança, 19/9/958.

Bom Humor

Fala-se todas as línguas

Num hotel de terceira categoria, via-se o seguinte letreiro: «Fala-se todas as línguas».

Um cliente estrangeiro pergunta ao gerente do hotel:

- Têm muitos intérpretes?
- Nenhum.
- Então, quem é que fala todas as línguas?
- São os clientes. Temolhos dos mais variados países.

Duas Sogras

- Vou deixar de beber.
- Porquê?
- Porque, sempre que bebo, chego a casa vejo duas sogras.

No restaurante

- Esta alheira não presta. Boas eram as do ano passado!
- Pois olha que esta é das mesmas...

No Exame

O examinador:— Dê-me um exemplo de quadrúpedes.

O examinando:— Um cavalo, um gato, um boi, um casal de perús...

Moda cheia de surpresas

As «linhas» do outono e inverno de 1958-59
Apontamentos ao correr da máquina

Por DELIA ELSTERMANN

Simultaneamente apareceram nos quiosques e nas lojas os três figurinos alemães mais conhecidos «O Figurino de Ouro» de «Film und Frau», «Constanze» e «Burda», aguardados com certa ansiedade pelo mundo feminino. Desta vez não predomina nenhuma «linha», mas a variedade das ideias, das sugestões apresentadas vem ao encontro de certo individualismo que, respeitando o quadro da moda de uma estação, caracteriza a atitude feminina dos últimos anos. Procurou-se uma síntese entre os desejos da mulher moderna alemã de estar vestida à moda sem ser escrava de uma uniformidade, de ser original e imprimir ao seu guarda-roupa um cunho pessoal. O único denominador comum da moda é a predominância acentuada do estilo juvenil em todas as variações.

Na maioria dos «manteaux», de preferência em tecidos des-

portivos e no «tecido da moda» mohair-bouclé, prevalece a «linha trapézio», se bem que não faltem as sugestões na «linha império» de costas amplas, na «linha foice», e os modelos quase rombóides, em «fuso».

Em todo o caso todos os «manteaux» são amplos e aconchegadores. Com a combinação da «linha trapézio» e do estilo «estoja» das saias com casacos de linhas rectas ou muito curtos, de forma a elevar a cintura, ou até às ancas em «blusão», ou «tailleurs» e os «duas-peças» favorecem a originalidade. Venceu neste domínio a sobriedade, dando largas ao cunho pessoal. O «duas-peças», em todos os tecidos imagináveis ganhou terreno, o que corresponde ao desejo tão frequente das senhoras, de estar sempre «vestidas».

A moda lançou novamente mão do «vestido-manteaux», na maioria dos modelos de cintura alta, quase «Empire», mas também em «blusão» e «saco». Nos vestidos, as diferentes «linhas» da estação «saco», «blusão», «trapézio», «Empire» e «charleston» permitem inúmeras combinações. A característica comum é que os vestidos são mais curtos, cobrindo ligeiramente os joelhos. Entre os tecidos, os «jerseys» conquistaram terreno, provavelmente por corresponderem aos requisitos da «linha blusão» e «saco».

Os vestidos de baile, em cores suaves, são curtos na frente e compridos atrás, lembrando o princípio de uma cauda. Como nos outros domínios, aplica-se, via de regra o princípio da frente mais modelada e das costas amplas.

Quanto às cores, as novidades são o «azul-inverno», um matiz de grande vivacidade, o vermelho-faia, verde-azeitona, cimento, castanho-mogno, azul-cobalto, rosa suave.

vez ao lume apenas para cozer o ovo e serve-se.

Açorda fina

Tira-se, de véspera, a côdea a um pão de forma grande. Corta-se em fatias finas que amolecem em leite a ferver. Com uma colher de pau, desfaz-se tudo muito bem. Junta-se-lhe uma colher bem cheia de manteiga, duas gemas, uma pitada de sal e duas claras em castelo. Envolve-se tudo bem. Deita-se em tabuleiro untado com manteiga e vai logo a forno forte.

Logo que sai do forno, serve-se como acompanhamento de filetes de peixe ou peixe frito.

CULINÁRIA

Sobremesa

Bolo Português

125 gramas de açúcar.
250 « « bolacha a agosto.
125 « « manteiga fresca.
1 ovo e uma amêndoa torrada.

Bate-se a manteiga com a gema e o açúcar. Junta-se a clara batida em castelo e bate-se tudo durante 20 minutos. Passam-se as bolachas por

café adoçado, depois colocam-se num prato e barram-se com o creme; nova camada de bolachas e nova camada de creme, etc. Depois das bolachas todas sobrepostas barra-se tudo por igual com o resto do creme e enfeita-se com a amêndoa torrada.

Amêijoas de fricassé

Escolhem-se amêijoas das maiores, lavam-se e abrem-se ao vapor de água. Depois de abertas tiram-se das conchas, tendo o cuidado de aproveitar a água, que se coara. Os mariscos lavam-se muito bem em água fria, para lhes tirar completamente a areia que possam ter.

Ponha-se numa caçarola cebola e salsa picada, uma pouca de pimenta em pó, azeite fino e banha de porco; leva-se ao lume e deixa-se refogar, acrescentando o regado com a água de abrir as amêijoas e mais alguma se for necessário.

Quando a cebola estiver alourada, passa-se o refogado. Ponha-se novamente ao lume, deem-se-lhe amêijoas, quando estiverem cozidas, tira-se a vasilha do lume, deixa-se arrefecer um pouco e juntam-se-lhe algumas gemas de ovos batidas com sumo de limão, mexendo sempre para o ovo não talhar.

Leva-se a iguaria ainda uma

Rodrigues Carrazedo

TRIBUNA do CONCELHO

BOURO

Respondam os homens de bom senso.

Só com bastante sacrifício e porque um forte motivo a isso me obriga, vou ocupar as colunas deste conceituado jornal, para relatar um caso, já bastante conhecido por todos os Bourenses, mas que pode pelo menos servir de apelo para as competentes autoridades.

Antecipadamente advirto os Ex. mos leitores, que o caso, pela sua repugnância, sempre me absteve de o publicar. Hoje vou fazê-lo por motivo de força maior.

Quero referir-me àquele «monstro», que sem respeito algum pela moral pública, e sem o mais leve temor de Deus, obriga a pobre da esposa, à força de violência, a suportar na sua companhia e na sua própria casa, a estadia de uma amante, pessoa dotada dos mais péssimos defeitos, que abandonou o seu marido e 4 ou 5 filhos para ir viver, aos olhos de Deus, naquele nojento e criminoso escândalo. Para mais, ele que tem a seu cargo 8 filhos de tenra idade, todos eles a morrer à míngua. Um homem, uma amante, uma esposa e oito filhos, todos vivem em comunhão de mesa. Ó Santo Deus! Com que miséria os nossos olhos deparam! Ainda no passado domingo, foram os dois encontrados (talvez em flagrante) e o caso deu motivo à irritação dos vizinhos, que coadjuvados por alguns rapazes que no lugar se encontravam, conseguiram fazê-los prisioneiros e forçá-los (os dois juntos) a descer até ao Largo do Terreiro. O caso

não foi de agrado geral; quanto a mim também me desagradou e parece estar dentro das malhas da Lei, mas v'ha-nos a verdade. Julgo mesmo indispensável usar todos os meios, para evitar aquele indesejável escândalo, que de há tempos a esta parte, traz repugnadas todas as pessoas de bons sentimentos.

Não peço para tal uma severa justiça, porque isso só iria agravar a miséria dos filhos, mas pelo menos que se tomem as medidas necessárias para evitar a continuação desta vergonha.

Na minha opinião, o internamento dela numa regeneração, seria suficiente para os afastar, e ele com uma boa lição de moral, forçá-lo a trabalhar para angariar o pão dos filhos.

Outras quaisquer medidas seriam a completa miséria dos oito filhos e da esposa já preste a ser mãe pela nona vez.

Tenho mesmo a certeza que tal resolução viria no futuro a ser por ele muito agradecida, assim como a atitude que os vizinhos tomaram em fazê-los prisioneiros, visto ser o motivo que me forçou a publicar o caso.

Que este apelo seja bem recebido por quem de direito, pois constitui a aspiração de todas as pessoas de bom senso da freguesia.

Em nome de todos, aqui fica manifestado o meu interesse.

A. Fernandes

Ao Senhor Delegado do «Tribuna Livre» em Vila Verde

Não tenho o prazer de conhecer a V.ª Ex.ª, mas julgo que me dirijo a pessoa de elevados conhecimentos, sensata e criteriosa.

Antecipadamente peço que me desculpe a minha ousadia, por assim me dirigir, mas o motivo porque o faço, é com a simples intenção de esclarecer mal entendidos, e acima de tudo, repor a verdade no seu devido lugar.

Vi no último número deste semanário um artigo de V.ª Ex.ª, com o título «Panorama Social», o qual se referia a um caso passado em Bouro, no dia 14 do corrente.

A informação que lhe foi fornecida, não corresponde inteiramente à verdade e tomou uma atitude pouco digna a pessoa que a forneceu para V.ª Ex.ª publicar, porquanto existe em Bouro um correspondente do jornal, para relatar os acontecimentos que aqui se registam, e melhor que ninguém o pode fazer, por estar mais perto destes acontecimentos. Além disso, Bouro, teve, tem

e terá sempre, homens de mais elevada competência, para ajuizar o bem e o mal, melhor do que aquele senhor que se dignou dar a V.ª Ex.ª a informação que acima de tudo, esteve muito aquém da pura verdade. Para disso V.ª Ex.ª se certificar, fazemos acima a devida reportagem do motivo que originou aquele acontecimento, que só por absoluta falta de espaço não foi publicado no número anterior.

O informador disse a V.ª Ex.ª que libertou das cordas os «arreatados» e prendeu quatro dos «meliantes». Que pura mentira! Os prisioneiros foram soltos por aqueles que os haviam prendido, e se qualquer pessoa tentasse libertá-los, especialmente pessoa estranha, encontraria na devida altura a contra-produção da sua atitude em meter «bico», onde não lhe competia, salvo se tratássemos de uma Autoridade, mas só depois de devidamente identificada.

Quanto à prisão dos quatro chamados meliantes, julgo

DE LAGO

Os postes dos fios eléctricos

Nesta freguesia há postes de cimento e de pinheiro. Aqueles estão bem conservados; estes causam dó. Já têm estacas e arames para os sustentar de pé!... Os 2550 por quilovate não chegarão para conservar o que está feito? Com um vendaval...

Corrente eléctrica

No tempo da rega a corrente eléctrica não serve para nada, durante o dia. Sob e desce com frequência desconcertante, o que traz prejuízos à lavoura e aborrecimentos a todos. Foi assim que na festa do Senhor da Saúde se queimou um amplificador de sons.

Há dias r petiu-se o mesmo fenómeno e disseram-me que o defeito era da central. Isto durou 24 horas, mais ou menos.

Confraternização

No dia 21 de Setembro realizaram-se dois jantares, sendo um no «Casal da Ribeira» e outro na «Quinta de Bouro» pertencentes, respectivamente, aos senhores Camilo Pereira e Maurício Queiroz. Trata-se de louváveis cerimónias de confraternização, já tradicionais, nestas casas, que os referidos industriais bracarense celebram, todos os anos, com os seus empregados.

Não podemos regatear louvores a estes actos, porque mostram o carinho com que os senhores Camilo Pereira e Maurício Queiroz tratam os seus colaboradores.

Para o Seminário

Vão no dia 30 de Setembro para os Seminários Diocesanos, de Braga, José Manuel Ferreira e Manuel de Jesus Soares, frequentar os cursos.

conveniente substituir a frase porque só a reconhecida Autoridade o pode fazer e neste caso teriam de prender talvez mais de cinquenta.

Muito agradecia a V.ª Ex.ª tomasse em devida consideração o que aqui fica exarado e prestasse a indispensável atenção à reportagem que antecede, pois é a expressão da pura verdade.

Desculpe-me V.ª Ex.ª a ousadia de me dirigir por intermédio deste conceituado jornal, mas julgo assim mais conveniente, porque os seus leitores podiam fazer um mau juízo acerca da população de Bouro, quando em verdade, Bouro, é sem exagerar, tão civilizada freguesia como aquelas que se prezam de o ser.

Permita-me V.ª Ex.ª que lhe apresente os meus respeitosos cumprimentos e creia-me desde já, como amigo, ao dispor.

A. Fernandes.

respectivamente, de 3.º e 7.º ano daqueles estabelecimentos de formação. Desejamos aos bondosos rapazes boa saúde e óptimo aproveitamento na ciência e na virtude.

Para Lisboa

Partirá em 25 de Setembro para a sua habitação, na Amadora, para tratar do colégio, que inteligentemente dirige, a ilustre e bondosa esposa do sr. Domingos M. da Silva, sr.ª D. Júlia de Oliveira e Silva. Será acompanhada por sua filhinha, a menina Maria Fernanda. Desejamos-lhes boa viagem e prosperidades.

Vindimas

Começaram as vindimas. Foi pena principiarem tão depressa porque as uvas não perdem de maduras. Falamos das vindimas oficiais — visto as secretas terem começado com o aparecimento do pintor...

A produção vinícola deste ano parece inferior à do ano tinto e o preço do vinho já está alto de mais. Dizem que na festa do Alivio se vendeu o vinho a 6\$00 o litro! Já não falamos do colarinho... Por isso não ficaria mal uma tabela máxima e mínima, no preço do vinho, para se evitarem os excessos.

Correio ao domicílio

Continuamos sem a distribuição domiciliar do correio. Isto faz grandes incómodos e causa prejuízos consideráveis.

Enquanto várias freguesias, com menos de metade da população de Lago, têm correio à porta, os habitantes desta freguesia são votados ao ostracismo. Não compreendemos as razões deste desprezo. Temos até a impressão de que além do comodismo natural de quem não sente nem se interessa com o mal dos outros, haja interesses particulares na conservação da situação presente.

Lembrem-se os responsáveis de que a boa ética ensina que o «bem comum» é superior ao «bem particular» e por isso deve sempre prevalecer. J. F.

NOVO PÁROCO DE DORNELAS

(Continuação da 1.ª pág.)

Avelino dos Santos Antunes dará entrada na freguesia de Dornelas em que celebrará uma missa vespertina, tomando, dessa maneira, conta da freguesia que passará a paróquia tendo como anexa a freguesia de Paredes Secas.

Ao novo pároco de Dornelas e Paredes Secas as nossas felicitações e a expressão de sincero desejo das maiores felicidades.

O Grande Sarau artístico

Executado pelo Orfeão Misto Vila-Verdense, foi um verdadeiro sucesso.

CALDELAS

Conforme foi anunciado efectuou-se na esplanada do Grande Hotel de Caldelas, um sarau artístico pelo Orfeão Misto Vila-Verdense da Sociedade de Educação e Recreio, que se apresentou em rigoroso traje regional—aquele que mais faz realçar a graça das formas, a ondulação dos movimentos, o mimo da expressão feminina das lavadeiras desta região, jorrando torrentes de franca e salutar alegria.

Todo o programa foi executado com rigor e agradou plenamente, destacando-se as típicas tocatas e as características danças minhotas, — nota mais viva e movimentada das romarias do Minho—merecendo grandiosos aplausos o Orfeão, que se apresentou admirável.

Todos os números foram muito apreciados e mereceram os aplausos das centenas de pessoas que assistiram, cheias de manifesto entusiasmo.

Não há dúvida de que a Sociedade de Educação e Recreio Vila-Verdense é já um facto e tudo leva a crer que em breve hombrará com os mais famosos grupos folclóricos do Minho e outros, que tantos sucessos têm obtido, quer no país quer no estrangeiro — verdadeiro cartaz de Portugal no mundo.

Como sempre, não podia estar ausente deste simpatíssimo movimento folclórico o grande bairrista de Vila Verde, Sr. Dr. António Ribeiro Guimarães, «alma mater» e seu dedicado dirigente.

S. de Lys

HUMORISMO

No Restaurante

O criado, visivelmente perturbado, correu ao escritório prevenindo o patrão que um cliente caíra da cadeira com um ataque horrível:

— Que devo fazer? — perguntava o empregado.

— Tira imediatamente a conta e leva-lha antes que ele morra!

Conversando

Quem é mais feliz: Um homem que tem cem contos, ou um que tem sete filhos?

— É o que tem sete filhos.

— Porque?

— Porque o que tem cem contos ainda quer mais; e o que tem sete filhos dá-se por satisfeito!

Bombeiros de Amares

Telefone 62113

A VISITA do Snr. Ministro das Corporações

(Continuação da 1.ª página)

Costa, nosso director; Dr. Ortigão de Oliveira, Presidente da Junta de Turismo de Caldelas; Padres Albino José Fernandes Alves, Avelino dos Santos Antunes, Bernardino Antunes Vieira, e João de Freitas; Paulo Barbosa de Macedo, Presidente da Associação dos Bombeiros Voluntários; Dr. Adolfo Pereira Vilela, notário; Dr. Aristides Marques Vilela; Dr. Avelino Manuel Silva, Presidente da Direcção do Grémio da Lavoura; Drs. José António Fernandes, Raul de Campos, Bernardo Ferreira e José de Vasconcelos; Presidentes das Câmaras de Braga, Fafe, Terras de Bouro e Vila Verde; Dr. Felicíssimo Campos, Presidente da Junta de Província do Minho; Snrs. Vessadas Gonçalves, Alves Leite, Arnaldo da Silva Tomé, José Manuel de Macedo, Adelino José Pinheiro, Virgílio Vieira, Paulo Silva, José Maria Calheiros de Abreu, António Meneses, António Barbosa de Macedo, José João da Silva Ramoa, Baptista Fernandes, etc.

Organizado o cortejo, teve este breve paragem em Bouro, onde o povo prestou significativa homenagem.

EM BOURO

Um longo tapete feito de flores cobria a facha central da estrada, no percurso de cem metros, ladeado por rama de arbustos e com ornamentações laterais.

Muito povo e, a meio do trajecto, uma criança leu um breve discurso em que pedia a ajuda do Snr. Ministro para que a freguesia fosse electrificada.

Respondendo-lhe o Snr. Dr. Veiga de Macedo disse quanto o impressionara a manifestação recebida e que transmitirá ao seu colega da Economia o pedido recebido.

Atravessou depois o tapete, num cortejo que também levava a banda local. Durante os discursos e o cortejo o Snr. Ministro foi muito aplaudido, o que o impressionou visivelmente. Bouro deu uma lição de quanto pode o bairrismo, quanto ele é trabalhador.

EM AMARES

Chegado o cortejo à frente do novo edificio, o Snr. Ministro apeou-se do carro e recebeu uma longa salva de palmas, sendo a guarda de honra prestada por um piquete dos Bombeiros Voluntários locais, enquanto a Banda da mesma Associação tocava a «Maria da Fonte».

Trocados os cumprimentos habituais, o Snr. Ministro cortou a fita simbólica, dirigindo-se para um aposento,

local em que se procedeu à bênção do edificio.

Seguidamente, no salão nobre procedeu-se a uma sessão solene na qual falou em primeiro lugar o Snr. Presidente da Câmara que teceu judiciosas considerações sobre a nossa vida rural e sobre a necessidade de amparar o trabalhador agrícola.

Focou, especialmente, o facto da maioria dos nossos trabalhadores rurais serem simultaneamente jornaleiros e proprietários, o que os leva a agirem perante a Casa do Povo como jornaleiros, somente, e perante o Grémio como proprietários, vindo daí o individualismo e a desconfiança de que são acusados.

Para este dualismo chamou a atenção do titular das Corporações por entender que deve considerar-se na legislação corporativa.

Seguiu-se o Tesoureiro da Casa do Povo, Snr. Fernando Costa, que agradeceu ao Governo o magnífico imóvel que acabava de ser inaugurado, tendo palavras do maior apreço para o Snr. Ministro e para o Delegado em Braga do I. N. T. P.

O Engenheiro Caldas de Almeida, Presidente da Corporação da Lavoura, disse da sua satisfação em assistir a mais uma inauguração destas e terminou por dizer que a Corporação há-de cumprir os seus altos desígnios. Como seguro penhor o facto de estar à frente do Governo o Snr. Dr. Oliveira Salazar, no Ministério da Presidência o Snr. Dr. Teotónio Pereira e nas Corporações o Snr. Dr. Veiga de Macedo.

Finalmente falou o Snr. Ministro das Corporações que disse que até hoje ainda ninguém apresentou sujeições que possam ser preferidas à legislação corporativa em vigor e que o Governo está interessado em melhorar a vida do trabalhador rural.

Referindo-se às palavras do Snr. Presidente da Câmara disse estar convencido que a Corporação da Lavoura saberá resolver esses e outros problemas que lhe forem sendo postos.

Terminou saudando no

P.º Albino José Fernandes Alves

(Continuação da 1.ª página)

da refeição que abrange leite, trigo e queijo e fixemos por momentos o que isso representa.

Mas também por seu intermédio a «Caritas» passou a ajudar a sustentação de outras instituições e a distribuir oportunamente feijões.

Não obstante estar na freguesia, há pouco tempo, chamado aos problemas da Misericórdia também ali colaborou numa obra séria

Esclarecimento

(Continuação da 1.ª pág.)

Em 13 do corrente escrevemos um artigo intitulado «A Verdade posta nos problemas locais. Amares, Feira Nova e o Concelho», no qual tivemos a intenção, posta com a maior clareza, de referir que a falta de progresso de Amares e a deslocação das instituições para a Feira Nova se devia à culpa dos filhos daquela terra que, não obstante a ajuda dos poderes públicos, não têm correspondido na iniciativa particular.

No nosso sentido de referir os poderes públicos, pois não desconhecemos que as obras participadas envolvem dinheiro do Estado e entidade peticionária, escrevemos que: à custa da Câmara gastaram-se ali, nos últimos dez anos, cerca de 1.300 contos: Bairro, Água, Estrada, Lavadouro, Passeios, Mictório, etc.

Em face disso o sr. dr. Adolfo Pereira Vilela que, há cerca de nove anos, presidiu ao Município procurou-nos e pedir os seguintes esclarecimentos:

1.º Que, com a construção das dez casas do Bairro dos pobres a Câmara despendeu 160 ou 170 contos que, actualmente, ao contrário do que sucede com outras obras, deve produzir para a mesma Câmara rendimentos correspondentes pelo menos a 5,0% do capital gasto.

2.º Com a construção do Lavadouro e estrada Amares-Ponte do Porto, melhoramentos estes que foram levados a efeito pela Junta de Freguesia, a Câmara despendeu 12 ou 14 contos com que subsidiou a mesma Junta para esse fim.

3.º A exploração e canalização da água para abastecimento dos habitantes da Vila, foi paga com o produto de um empréstimo que, nos termos da Lei e à se-

Snr. Presidente do Município o povo do Concelho, a quem agradeceu as manifestações de que foi alvo.

Todos os oradores foram muito ovacionados e por várias vezes se ouviram vivas às principais figuras do Estado Novo e a Portugal, terminando em ambiente de apoteose.

que está em construção, não negando a sua ajuda mesmo monetária.

Capelão da Legião, há poucos dias, começa a ensaiar os primeiros passos no sentido de trazer até nós os benefícios que aquela organização patriótica concede por intermédio da sua assistência.

Activo, diligente, dum apuro moral irrepreensível, com uma inteligência esclarecida com prestígio vincado, bem

melhança do que sucede em todos os Concelhos, com idênticos melhoramentos, é pago apenas pelos consumidores da água, com os mínimos do consumo superiormente fixados para o efeito.

* *

Cumpre-nos provar que não estávamos a dirigir um ataque a administração da Câmara pois que, a fazê-lo, a conclusão entre a Câmara e poderes públicos era irreparável.

Ora quem ler o artigo não tem a menor dúvida até porque após aquela frase dizemos: Além das obras camarárias, nada, o que bem mostra o sentido de só acentuar que o mal é outro. Mais adiante dizemos: Apesar desta contribuição do Município para o progresso local tudo está na mesma; e não dirigimos uma só crítica a quem administrou, sempre na linha recta que temos traçado de não andar a levantar conflitos.

Mas a prova da nossa intenção pode fazer-se doutra maneira.

Para atacar nós diríamos que a Câmara fez em Amares obras de 1.300 contos e isto já é inegável. Com dinheiro seu e do Estado, mas o certo é que foi a Câmara.

Mencionariamos mais obras a que nos não referimos e que foram feitas, e provaríamos, do zero, que em certa época receberam outras, etc.

Não nos pronunciamos sobre os lucros do Bairro e, muito especialmente, sobre a água, para a não entrarmos num mundo de problemas que sempre retiramos da 5.ª página deste jornal.

Ficamos nisto, que é essencial para o que escrevemos: efectivamente os poderes públicos gastaram em Amares, em 10 anos, 1.300 contos, e se o progresso se não verificou foi porque a iniciativa particular nada fez. Ou, melhor, a Câmara promoveu em Amares obras, em regime de participação ou sem ele, que vão a cerca de 1.300 contos, em 10 anos.

justo seria que assinássemos a passagem do seu primeiro aniversário na paróquia de Ferreiros, Matriz da Vila.

Num ano, efectivamente, não se pode fazer mais e melhor. Esquecer ou adiar a referência seria ingratidão que não queremos subscrever. Pelo contrário, aqui lhe apresentamos as nossas saudações amigas e formulamos votos para que as suas actividades se alarguem, a bem dos necessitados.

Vida elegante

Fazem anos:

Segunda-feira—a menina

Um ano na Presidência da Câmara

(Continuação da 1.ª página)

va-se quem quer que seja a desmenti-lo, porque desde há um ano todos sabem que se se lançarem numa realização encontram do lado da Câmara compreensão e facilidades de toda a ordem.

Dai a razão de só no espaço de um ano ter aparecido uma Comissão para construir a sede da Misericórdia ter a Associação dos Bombeiros começado a construção da sua nova sede, terem mãos particulares com as facilidades do Município aberto uma rua e com a ajuda dele construído umas instalações sanitárias. Entretanto, a Câmara ampliava o edificio dos Paços do Concelho e as casas de particulares começavam a surgir numa urbanização esperançosa.

Hoje a preocupação já não é a de que nada se está a fazer mas sim a de que pode progredir-se de mais e acabar-se com direitos tradicionais.

Estas nossas alusões elogiosas à actual administração não significam que se haja atingido a perfeição, aliás impossível nas coisas humanas, ou até que se tenha atingido o máximo do possível, mas tão somente que entre o passado e o presente a diferença é substancial e tudo indica se possa melhorar e atingir o tal plano alto a que aspiramos.

O Concelho sente-se remogar. Dentro em pouco será um Concelho em que parte das suas instituições têm sede própria e algumas com edificios magníficos como seja o da Caixa Agrícola e o da Casa do Povo de Amares. Isto implica maiores responsabilidades e mais decidido trabalho.

Temos de ter medo em cair no zero do passado; fácil seria pois desejar o presente e tudo fazer por sustentá-lo, mas a verdade, nua, despida, sem sentido de bajulação, diz-nos que o presente tem já um activo consolador e que não é por favor que pode merecer-nos o elogio.

Os homens são alérgicos ao sentido da justiça. Quase sempre preferem a comodidade do silêncio ou o comentário saído do interesse e do sentimentalismo.

Nós servimos directrizes diferentes: rendemos a nossa homenagem à administração do actual Presidente do nosso Município, publicamente, e não obstante nunca termos recebido deferências ou tê-las visto conceder à terra que defendemos.

Maria Cândida de Sousa Pinto.

Terça-feira—a Snra. D. Adelaide de Jesus Calheiros Ferreira Cruz.

Quarta-feira—a menina Ernestina G. Macedo Martins e menina Lourdes Gonçalves Macedo Dias.

Quinta-feira—Deolinda do Céu Novais Cunha

Sexta-feira—o Snr. António Bento Dias e o Snr. Constante Antunes

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

Delegado: ANTONINO NOGUEIRA MARTINS

Reunião Camarária

Presidiu o Senhor Evaristo Armindo Corais, e assistiram os Vereadores, Senhores Abel José Rodrigues da Costa Lopes e José Dantas. Secretariou o Senhor A. Nogueira Martins. Foram tratados entre outros, os seguintes assuntos.

Adicionais às contribuições e impostos do Estado

Foram fixados pela Câmara os seguintes adicionais; — 35% sobre a contribuição Predial Rústica; — 17% idem urbana; — 14% sobre o imposto profissional; — 14% sobre a contribuição industrial, Grupos A. e C.; — 12% idem Grupo B; — 25,0/0 sobre o Imposto de Minas — parte proporcional — e sobre o imposto de Águas Minerero-Medicinais; — 10,0/0 sobre o Imposto de Aplicação de capitais — Secção A; — 3,0/0 sobre as Contribuições Prediais e Industriais como Imposto de Turismo.

Tarifa da remissão do Imposto de prestação de Trabalho

Igualmente fixou a Câmara para o ano de 1959 os seguintes tarifas: — Por cada chefe de família, do sexo masculino, residente na área municipal — 15\$00; — Idem, idem residente fora da área municipal mas nela proprietário — 15\$00; — Idem, do sexo feminino, residente na circunscrição — 12\$00; — Idem, idem, residente fora da circunscrição — mas que nela sejam proprietários — 12\$00; — Familiares ou domésticos, de 21 a 50 anos, habitualmente residente no concelho, que sejam varões válidos — 15\$00; — Carro-cada — 15\$00; — Carreta — cada — 10\$00; — Animal de carga — 10\$00; — Animal de sela — 15\$00 e — Animal de tiro — 2\$00.

Fixação de taxas

A Câmara deliberou conservar as taxas já votadas em anos anteriores, não havendo alterações a introduzir.

Plano de actividade da Câmara para o ano de 1959

Deliberou a Câmara aprovar o Plano de Actividade Municipal e as seguintes Bases:

Critério de Distribuição

As despesas são computadas em cerca de 1.000.000\$00 — Critério da distribuição das dotações destinadas a obras e melhoramentos das freguesias: — A Câmara subsidiará as Juntas de Freguesia para melhoramentos locais, com 25,0/0 do produto líquido dos adicionais cobrados com os impostos do Estado, nos termos dos artigos 753.º e 754.º do Código Administrativo. Porém, aquelas

freguesias em que, por administração directa se efectuarem obras cujos gastos excedem a dotação que lhes caberia, o Município limitará a concessão dos subsídios a um mínimo que calculará como indispensável às necessidades da freguesia, para a resolução de pequenos casos imprevistos.

Diseriminação das obras de interesse público a realizar

Abastecimento de águas

Ao Gerês (domiciliário); Ao lugar da Assureira-Vilar da Vesga (por fontanário); E aos lugares de Saim e Quintela da freguesia de Chorense (pesquisas e captação).

Melhoramentos Urbanos

Alargamento dos cemitérios da sede do concelho (Municipal) e da freguesia de Vilar (Paroquial); Construção dum mictório subterrâneo na sede do concelho; Idem no Gerês.

Melhoramentos Rurais

Construção do C. M. que liga as freguesias de Chamoin a Carvalheira 5.ª fase; Construção da E. M. da E. N. 304 (Brufe) à E. N. 308-lanço de Gilbarbedo a Gonduriz; Construção da E. M. da E. N. 205 (Souto) à E. N. 307 (Terras de Bouro), lanço de Terras de Bouro passando por Emaús (Chorense), Balança, Real, (Ribeira).

Luz

Electrificação do Gerês (iluminação pública) e Vilar da Veiga; Idem das freguesias de Balança, parte de Chorense, Ribeira e Souto; Idem dos lugares de São Pantaleão (Balança) e Pesqueiras (Moimenta); Idem dos lugares de Emaús, Barrio, Igreja e Casal, da freguesia de Chorense.

Requerimentos

Foram despachados vários requerimentos para condução de velocípedes e outros.

Internamento de doentes nos hospitais

Foram concedidas guias para internamento dos seguintes doentes: José Maria Antunes de Cibões, no Hospital de S. Marcos; Maria da Glória Martins Pires, de Vilar, no de S. José, em Lisboa.

Novos Assinantes

Pelo Snr. Artur da Cunha Cruz foi-nos indicado para novo assinante o Snr. Joaquim de Sá Machado, de Prado.

Fizemos a inscrição e agradecemos.

Agradecimento

Tendo sido submetido a uma intervenção cirúrgica no passado dia 4 do corrente, no Hospital de S. Marcos, venho agradecer a todas as pessoas que se interessaram, de qualquer modo, pelo meu estado de saúde, e bem assim à «Tribuna Livre» as imerecidas palavras que, a meu respeito, fez inserir nos números de 6 e 13 do corrente.

Quero aproveitar o ensejo para expressar o meu maior reconhecimento ao meu muito amigo e ilustre médico-cirurgião que me operou, Ex. mo Sr. Dr. António Alberto de Araújo Macêdo, que se não cansava de me aconselhar a fazer-me operar. Já nem falo do caminho com que me tratou! Como lhe pagar tanta gentileza?! Não precisa aquele ilustre médico da «nossa cidade de Braga», para se tornar conhecido, de publicidade de qualquer ordem, pois que são já conhecidos de sobejo os seus méritos como médico muito distinto. Haja em vista que só consulta com hora marcada e, mesmo assim, os doentes no seu consultório são a bicha!! Estou certo de que Sua Ex.ª me perdoará este meu público reconhecimento, o que faço por imperativo do Dever e também de consciência. Com isto não o quero ferir na sua modéstia.

Monografia do Concelho

Causou grande regosijo neste concelho a noticia de que o nosso amigo de há muitos anos — Domingos M. da Silva — vai mimosear-nos com a «monografia» do concelho de Terras de Bouro. Bem haja e mãos à obra meu amigo! O trabalho vai ser difícil, é certo, mas o nome de Domingos M. da Silva ficará ligado à história do concelho de Terras de Bouro, co-irmão do de Amares. Os costumes são, praticamente, os mesmos. Porém aqui e acolá, há certas divergências. Há, de facto, muitos motivos que nos caracterizam e, quando tiver ocasião de percorrer as freguesias, verificará que nem todos afinam pelo mesmo «diapasão».

Aniversário

Passou no dia 25 mais um aniversário natalício o nosso particular amigo, Senhor José Dantas, prestigiado vereador da Câmara.

Ao simpático e popular terrabourense, muitas felicidades e continuação de boa saúde, com votos sinceros de que tão faustosa data se repete por largos anos, votos a que Tribuna Livre se associa muito gostosamente.

Anúnciαι na «Tribuna Livre»

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO REGIME PATRIARCAL O PASTOREIO

Se, de um modo geral, se fez preceder Entre-Homem e Cávado (considerado em seus limites naturais) de um estudo prévio sobre *municipalismo e feudalismo* — e serviu de introdução — aqui, designadamente para Terras de Bouro, se bem que aqueles exerceram do mesmo modo e em suas épocas a natural actuação, há, no entanto, que recuar muito mais atrás e analisar, ao menos por alto, donde provêm certos costumes, esse sistema de vida patriarcal pelo qual se regeram nossos maiores. Contra todas as intempéries e assolações, permitiu a terra, em que cruiu raízes profundas, chegar com os últimos sinais de vida a nossos dias. Caminhavam outrora as coisas a passo natural e deixavam-se observar em paz e lentidão os fenómenos de evolução da vida; agora que tudo marcha à velocidade do maquinismo, que de modo tão cruento esmaga e supera o humanismo, e por toda a parte ele tudo encadeia na sua complicada engrenagem, muitas dessas características e aspectos de viver de nossos pais mal se tornam apercebidos de nossos filhos, se a curiosidade os não levar a contemplá-los algum dia à luz mortuária das crónicas do passado.

Não se pretende elaborar trabalho científico, demais que para tanto nem havia à mão quaisquer subsídios ou meios de consulta; simplesmente se vai discorrendo de cor e em família.

No caso que vai tratar-se, *BOURO* não significa lugar, vila ou freguesia, povoação com limites determinados; antes um forte massiço de terras amplas e acidentadas em que um notável regimen de vida de seus primitivos habitantes imperou largo espaço de séculos para afinal se mostrar caduco e enfermo, prestes a terminar antes das últimas décadas deste em que vivemos.

Se do nome de algumas regiões facilmente, em última síntese, se deduz a sua história, nenhum mais expressivo do que este no-la mostra em toda a sua magnitude e extensão.

Arcahou-se de preferência pelos montes a vida das primitivas gerações e não faltam por estas eminências vestígios de sua remotíssima existência; pois, a coroar todas essas circunstâncias, também perdura e sobrevive este termo de flagrante eloquência e, juntamente com outros da mesma natureza e alcance, deixam ver, em profundíssima perspectiva, a sua verdadeira causa e origem.

Boarium (boieiro, boiro); *Capraria* (Cabreirã) dizem tudo da fauna bravia que em proverbial abundância pululou por estes montes e vales.

Riparia (ribeira) muitas são as *ribas* ou margens de tantos regatos, rios e ribeiros nas quais as ervas cresciam e os gados se apascentavam.

Res (a rés, fazenda do monte) que de manhã, ao toque do búzio ou busina, até ao cair da noite contornava os montados, em *vesiras* (de *vix*) a *vez* de pastoreio que seguia seu giro ou ronda, sendo a conta dos dias à conta das cabeças, marcadas com recortes nas pontas das orelhas com sinais distintos para cada casal; e era nota curiosa como cada animal saía e voltava atinando o seu curral.

Manum (maninho, manada) das larguíssimas extensões de terra explorada por todos; dos fartos rebanhos apascentados livremente e sem peias através da fertilidade da serra.

Se constituíram a principal fonte de riqueza dos velhos tempos patriarcais, não o consideraram menos as últimas gerações, até onde chegou o culto do boi como símbolo de riqueza e de abundância; e ainda hoje o revestem de galas e embandeiram em arco os enfeites quando se apresenta em feiras de ano, mas este culto, esta superstição que transitou para cá dos velhos costumes pagãos, atingia o seu máximo esplendor quando, como mordoma em festa, ia o *boi benito* nas procissões.

Neste pedaço do setentrão lusitano, como nos Hermínios, a vida pastoril radicou-se profundamente nos costumes e hábitos de seus habitantes e, na mesma raça, a sede da liberdade e da independência não foi menos acentuada.

A força, a destreza no manejo das armas e as manhas de guerra não foram menos celebradas pela própria pena dos historiadores latinos, tanto que foram os últimos (130 a. antes C.) a ceder ao peso das legiões romanas; e esse amor da liberdade teve seu êxito quando, no alvorecer do período heróico da Nacionalidade, recobriram ânimo e se juntaram à volta do celebrado Castelo de Bouro.

E veio este povo rei, com todas as suas tendências civilizadoras e municipalizadoras, menos amante da serra que da cidade aonde procurou atrair os povos conquistados; rasgou por estes sítios a mais notável via da romanização ocidental; levantou em suas bermas pedestais graníticos, esculpindo neles honras e lisonjas a seus heróis e aos divos imperadores para lembrança da posteridade.

Passou esse povo conquistador e atrás dele outro e outro veio com vandalismos e devastações e pela beira dessa estrada e em torno dessas colunas monumentais, dia a dia, anos e séculos sobre séculos, o manso cordeiro e a tímida ovelha, em rebanhos à vista do calmo pastor, sucederam sem fim como a mais reconhecida riqueza dos povos desta montanha.

Prova isto com evidência que não podem calibrar-se umas por outras nos mesmos moldes de administração e governo das terras, quando elas mudam extremamente de feição do monte para a planície.

Quando os primeiros repovoadores cristãos deram um passo, em frente, a ocupar posições e sobre o bastião de Lanhoso assentaram arraiais, de *Cabreira e Ribeira* se apelidou esse condado que precedeu de longe o Portucalense. Por singular coincidência, de *Touro (Taurum)* foram também senhores os condes de Cabreira e Ribeira pelo casamento de D. Garcia com uma filha de Fernando Magno, à qual coube (1.069) a soberania independente daquele pequeno estado; e ficavam bem a estes vultos guerreiros verdadeiros diques das montanhas, estes nomes de bombástica, agigantada expressão.

E também lhes sabiam muito bem as *spatulas* (espáduas com a carne que as revestia) as *freamas* (presuntos) e os *corasis* (pegas da pá à cabeça, com duas costelas) as *mãos* de urso e de porco, que tudo e o mais lhes era devido e recolhido por mordomos, de todo esse variadíssimo reino animal que regorgitava em suas terras e coutos.

Atingiram-se outrora por aqui as últimas metas da longevidade, e ainda hoje, sem ver combóio nem cidade a mais próxima; e, casando os filhos e filhas ao pé da porta, de uma numerosa família se formou um lugar e uma freguesia toda inteira e eis-nos aí chegados a dentro das velhas e antiquíssimas normas da vida patriarcal.

Eram, sem dúvida, incomparavelmente mais harmoniosas as antigas relações entre vizinhos, mais solidários nas alegrias e nas tristezas, onde todos eram verdadeiramente próximos e parentes se consideravam. E, para terminar, assunto em que tudo se conjuga, visa esta parte de sobre o cume da cordilheira fronteira, *Santo António de Mixões da Serra*, sob cuja protecção se lançaram povos e animais e no dia da sua festividade o terno cordeiro e o manso boi tornam a sua devota ermida.

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

O livro do tomo desta freguesia, escrito em pergaminho, está depositado no arquivo paroquial de Caldelas.

Mal se pode dizer ao que servia quando por sorte caiu nas abençoadas mãos que o recolheram, as do senhor abade João de Freitas, se não fôsse mostrar a indignidade a que por vezes se lançam e as bolandas que levam certos valores irreparáveis:— por fundo a uma garrafa, à falta da adequada peça de loiça, ficou com a marca ou selo redondo do ofício em que foi surpreendido.

Tem, no entanto, o arquivo de Paredes-Secas o «Livro das Constituições», mandadas imprimir (1647-1710), por ordem do arc. D. João de Sousa. Conservando-se manuscritas desde o Sínodo diocesano de 14 de Junho de 1637.

O «Livro dos Capítulos das Visitas», com abertura em 8 de Agosto de 1803, contendo as determinações do estilo e cópias de «provisão», lê-se em uma delas, de 13 de Junho de 1903:

«Considerando que subsistem ainda as razões que motivam a proibição dos Cercos, as quais principalte consistiam na irreverência e desordem com que se organizavam tais préstitos e nos notáveis abusos que quase sempre se cometiam contra a religião e moral; que é impossível evitar tais desregramentos, conduzindo procissões por montes e vales e sitios escabrosos e percorrendo campos cultivados, o que também causa prejuizos aos agricultores»... assim foi expressamente proibido aos párocos presidir ou consentir os Cercos, chamados de S. Sebastião ou de penitência.

Talvez por concessão especial, sabe-se que alguns se realizaram ainda posteriormente.

E vem a jeito falar em outra devoção que caiu em desuso e foi a da confecção da toalha de S. Sebastião: juntavam-se as mulheres, geralmente numa noite previamente combinada, e em poucas horas espadelavam o linho, assedavam-no, fiavam, dobavam as meadas, urdiam a feia, teciam a toalha e preparavam-na para colocar de manhã sobre a mesa do altar e o sacerdote celebrar sobre ela a missa da promessa em honra do milagroso santo, advogado contra as calamidades públicas, principalmente a peste.

Os cercos e as procissões de penitência tinham lugar quando as longas estiagens prejudicavam a agricultura; através delas procedia-se à mudança dos santinhos dos padroeiros—de uma para outra freguesia vizinha.

Na visita de 16 de Novembro de 1905, determinou entre outras coisas o visitador D. Manuel Baptista da Cunha, que se retirassem uns oratórios que desfeizavam os altares laterais, de boa talha, renascença; que a talha outrora doirada do altar-mor, no mesmo estilo e cujo oiro havia sido raspado, se restaurasse quando fôsse possível; que se colocasse o guarda-vento na porta principal (tem na padieira a data de 1705) a fim de evitar que da casa fronteira se visse para dentro.

A parte do Evangelho está o altar de N. Senhora dos Remédios; da Epistola, o de N. Senhora das Graças. As imagens são antigas e de magnífica escultura.

Tem na sacristia um bom arcaz para guarda dos paramentos, alguns, embora restaurados, de bela seda antiga. Tem tido este móvel da igreja os seus pretendentes; é de castanho da região, talha da renascença, rezoavelmente conservado.

Uma interessante fonte purificatória, possivelmente aproveitada da igreja primitiva; dá ares de românico.

Uma naveta muito antiga, de latão, autêntica forma de nau; um turíbulo do mesmo metal e antigo.

Anda ali arrumado um coração esculpido em madeira, tamanho maior que o natural, rodeado de coroa de espinhos; foi objecto do primitivo culto ao S. do Coração de Jesus, antes que entrassem em uso as imagens.

Todo o edificio da matriz passou por obras de restauração geral, exteriores, de 1957-1958.

(Continua no próximo número)

Dr. Fernando Adelino Faria Ferreira

MÉDICO

CLÍNICA GERLA

CALDELAS

Tribuna Desportiva

O Nacional da 1.ª Divisão visto por dentro

Prosseguiu o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão com a 2.ª jornada a mostrar-nos mais uma surpresa e com ela a certeza de que todos os jogos são difíceis mesmo quando jogados em ambiente favorável e com antagonistas menos categorizados. Na 1.ª jornada, foi o F. C. do Porto que cedeu um ponto em casa frente ao V. de Setúbal e agora tocou a vez aos campeões nacionais que foram derrotados sem apelo nem agravo pelo Sp. Bracarense, no seu próprio campo. Para o grupo da cidade dos Arcebispos, vão as honras da jornada e multiplicadas, por ter vencido um club que nunca os deixa respirar quando os encontra pela frente. Nos outros encontros, provou-se mais uma vez que jogando em casa há sempre mais possibilidades de vencer. Disto se devem ter convencido vimarenenses e caldenses que, defrontando adversários chamados grandes, não cederam um palmo de terreno acabando por contrariar muitos prognósticos que se fazem pela lógica mas que esta nem sempre vem à mó de cima. Fora do seu ambiente, depois do Sp. de Braga a que nos referimos, outra equipa venceu com brilhantismo: o F. C. do Porto. Este forte conjunto parece ter certa tendência para vencer em Évora e mais uma vez o provou no passado domingo. O Lusitano já conta duas derrotas e a terceira está à vista, o que se torna bastante perigoso e contrário às suas aspirações.

Nesta jornada obtiveram-se os seguintes resultados:

CALDAS, 1 - BENFICA, 1

Os encarnados deslocaram-se às Caldas para defrontar o grupo local e não foram além de um empate e este conseguido a escassos segundos do terreno da partida. O jogo foi emotivo mas tecnicamente deixou muito a desejar.

LUSITANO, 1 - F. C. Porto, 2

Mais uma vez o Lusitano foi batido no seu campo pelos portuenses, que parecem sentir-se à vontade quando actuam em Évora. A continuar assim, os rapazes evorenses bem podem ir pensando na morte do carneiro, que ainda não foi desta vez. O resultado está certo e premeia a melhor equipa no terreno.

ACADÉMICA, 2 - COVILHÃ, 1

O club serrano deslocou-se a Coimbra com a ideia fixa de dar luta sem tréguas para não ser batido. Não conseguiram os Covilhanenses evitar a derrota mas a verdade é que não tiveram a sorte pelo seu lado.

O empate teria sido o resultado mais justo.

GUIMAR., 3 - BELENENSES, 0

O grupo de Belém deslocou-se a Guimarães para defron-

tar o grupo que há dias soferira pesada derrota frente ao Benfica, na Luz, e foi vencido por três golos sem resposta. Embora o resultado, nos pareça um pouco elevado, a verdade é que a equipa lisboeta fez uma exibição modesta e irreconhecível. O grupo da Cruz de Cristo conseguiu contrariar a exibição de há oito dias, fazendo desta vez o pior jogo da jornada. Coisas da bola.

SETÚBAL, 4 - TORRIENSE, 0

Os Setubalenses actuando no seu campo, impuseram-se ao antagonista, vencendo-o com certa vontade. Nada mais há a dizer deste jogo, a não ser salientar a boa forma dos sadinos que, a continuar assim, farão baquear no campo dos Arcos muitos agrupamentos de cartaz.

CUF, 2 - BARREIRENSE, 2

No Barreiro travou-se mais um despique local que desta vez não foi além de um empate, embora lisongeiro para os visitantes. Os donos do campo não foram felizes e consentiram um empate que bem poderia ser uma vitória.

SPORTING, 3 - SP. BRAGA, 4

O grupo minhoto foi a Lisboa, talvez a pensar numa derrota, o que era natural até porque contra os leões, os Bracarenses nunca têm sorte quando defrontam os leões. Desta vez, aproveitando uma tarde desastrada do grupo de Alvalade os minhotos souberam impôr a sua calma e o seu melhor jogo, acabando por conseguir aquilo que na verdade parecia impossível. Os campeões nacionais parecem não possuir agrupamento para defender o título tão brilhantemente conquistado. Algumas lesões e as duas baixas impostas (Rocha e Vadinho), colocaram os leões em sérios embaraços. Enfim, uma derrota em má altura, pois no próximo, a deslocação ao Porto irá comprometer as suas aspirações.

Após esta jornada a classificação ficou assim ordenada:

Visado pela Censura

TABAQUEIRA A CASA ÁLVARO GOMES

FEIRA NOVA-AMARES

TEM A HONRA DE PARTICIPAR A TODOS OS SEUS CLIENTES, COMERCIANTES E AMIGOS, QUE FOI NOMEADO AGENTE DOS AFAMADOS TABACOS.
DA TABAQUEIRA

DESDE JÁ AGRADECE A COLABORAÇÃO DE V. EX.^{as} NA SUA SECÇÃO DE VENDAS, TANTO POR JUNTO COMO A RETALHO

EDITAL

Nelson Pereira Cardoso, Juiz das Execuções Fiscais de Vila Verde.

Faço saber que no dia 15 do mês de Novembro, pelas onze horas, na Porta deste Tribunal se há-de proceder à arrematação, pelo maior lance que fôr oferecido, dos bens abaixo designados, penhorados a Francisco Alves, de Sobreiro, Lage, para pagamento de Contribuição Industrial, Grupo C, do ano de 1958.

Designação dos bens: Um motor de marca Petter de combustível a gasóleo de 27 cavalos com 3 serras duas de mesa e um charrió uma garlopa com um limador e uma linha de eixo com vários utensílios que lhe dizem respeito para funcionamento, tudo no valor de 10.000\$00.

E para constar se passou o presente e outros de igual teor que se mandaram afixar nos lugares do estilo.

Vila Verde, 18 de Setembro de 1958.

E eu, César Augusto de Carvalho, escrevo o subscrevi.

O Juiz,

Nelson Pereira Cardoso

| | |
|-------------|---|
| Braga | 4 |
| Benfica | 3 |
| Setúbal | 3 |
| Porto | 3 |
| Covilhã | 2 |
| Sporting | 2 |
| Académica | 2 |
| Belenenses | 2 |
| Torriense | 2 |
| Guimarães | 2 |
| Barreirense | 1 |
| Cuf | 1 |
| Caldas | 1 |
| Lusitano | 0 |

Como na passada jornada o prognóstico que arriscamos nos falhou totalmente, vamos novamente pôr em prática o nosso palpite, pedindo desculpa àqueles que por amor clubista ou, então, porque não concordem com o nosso palpite, não estejam pelos ajustes.

Braga, 4-Cuf, 1
Setúbal, 3-Lusitano, 1
Porto, 3-Sporting, 1
Barreirense, 2-Guimarães, 0
Belenenses, 3-Caldas, 0
Benfica, 3-Académica, 1
Torriense, 2-Covilhã, 2

M. Janela